

As cidades que dão certo

Celso Giglio *



Os 5.200 municípios brasileiros ficam com a menor parte da renda pública nacional. No entanto, pesquisas de opinião mostram que a população brasileira tem uma clara percepção: as prefeituras prestam mais serviços públicos do que os estados e o governo federal. Quando se compara a aprovação dos prefeitos com a aprovação dos governadores nos levantamentos disponíveis, percebe-se que os administradores municipais, em média, estão sempre acima dos governadores.

Isso se explica. Está acontecendo uma bela revolução em muitos municípios brasileiros. A movimentação das administrações públicas locais demonstra, cada vez mais, que a busca de inovação, da eficiência e da qualidade não são características específicas da iniciativa privada. O poder público pode – e cada vez mais, deve – procurar trilhar esse caminho.

Recentemente, dois especialistas americanos, David Osborne e Ted Gaebler, publicaram um livro que foi um sucesso no Brasil. Trata-se de “Reinventando o Governo”, que relata o que está acontecendo de novo na administração pública dos Estados Unidos. Pressionados pela fal-

ta de recursos, de um lado, e pelo crescente grau de exigência da população, e outro, os administradores públicos americanos inovaram e criaram mecanismos para atender às necessidades dos cidadãos.

Lendo o trabalho de Osborne e Gaebler e conhecendo o que se passa em uma série de prefeituras brasileiras, pensei logo que algo semelhante podia ser identificado no Brasil. Aqui, como nos Estados Unidos, os municípios ficaram cada vez mais pressionados. Mas a pres-

**O livro
“As Cidades que
Dão Certo” conta
uma parte de uma
história bonita
e instigante**

são era de outra natureza. Os programas sociais do governo federal não avançam; os estados estão falidos. Nessas condições, só resta às prefeituras assumir as responsabilidades alheias, para não deixar a população sem os serviços básicos.

Encargos crescentes, recursos constantes. Como resolver essa equação? A resposta está no livro “As Cidades que Dão Certo – Novas experiências na administração pública brasileira” (MH Comunicação, 214 pg.), de autoria dos cien-

tistas políticos Rubens Figueiredo e Bolívar Lamounier. O livro relata as inovações bem-sucedidas em oito cidades brasileiras: Bauru (SP), Belo Horizonte (MG), Campinas (SP), Campo Mourão (PR), Curitiba (PR), Joinville (SC), Osasco (SP) e São Paulo (SP).

Em cada uma dessas cidades, Figueiredo e Lamounier encontraram alguma inovação digna de nota. Bauru lançou a moda do envolvimento comunitário competitivo. Belo Horizonte criou os costões populares, que barateiam sobremesa e alimentos para a população de baixa renda. Campinas introduziu pioneiramente o Programa de Renda Mínima, no contexto mais geral de um processo de centralização administrativa. Esse programa se espalhou por várias outras cidades, Osasco inclusive.

Em Campo Mourão, a comunidade é envolvida no processo de definição dos parâmetros educacionais, ao

mesmo tempo em que igrejas e bares viram escolas. Curitiba é o caso exemplar de continuidade administrativa que trouxe muitas novidades: o “ligeirinho” e os Faróis do Saber. Em Joinville, que era administrada pelo PFL, a prefeitura adotou o orçamento participativo, invenção do PT. Em São Paulo, são analisados o polêmico Plano de Assistência Social (PAS) e o Projeto Cingapura, de verticalização de favelas.

Em Osasco, foi selecionado para análise o processo bem-sucedido de parcerias com a iniciativa privada. Parceria não é novidade, todos sabemos. Mas a novidade, em Osasco, foi que as parcerias realmente funcionaram, possibilitando a construção de uma série de equipamentos urbanos, fundamentais para melhorar a vida dos habitantes.

A experiência mostra que as parcerias são viáveis quando existem credibilidade e transparência. A Wall-Mart, um dos gigantes interna-

cionais na área de supermercados, queria instalar-se em Osasco. Tínhamos, entretanto, um problema com a Lei de Zoneamento. Chamei os vendedores, estudamos as vantagens para o município e, numa ação conjunta Executivo-Legislativo, a Lei foi alterada. E a Wal-Mart ainda construiu um posto de saúde para a cidade. Algo semelhante aconteceu com o Carrefour, que está construindo um Teatro Municipal.

Inovamos também na área de transporte coletivo. Regularmente, a Prefeitura realiza licitação para concessões dos serviços de transportes. Incluímos nas licitações uma cláusula: as empresas vencedoras deveriam construir terminais rodoviários na cidade, para aumentar o conforto e a segurança dos usuários. E eles foram construídos. Um deles, inclusive, é também um moderno shopping center, que será explorado pela iniciativa privada por um tempo para, depois, voltar a ser público.

A sociedade brasileira precisa ser informada dessas inovações. Embo-

ra a aprovação dos prefeitos, em geral, seja bastante alta, ainda existe um grande preconceito contra os municípios. Generalizou-se a idéia de que as prefeituras estão sem o que fazer e abarrotadas de dinheiro. Nada mais falso. Na verdade, o que os municípios estão fazendo é surpreender, com eficácia, as lacunas deixadas pelos governos federal e estadual. Sem dinheiro, o jeito é inovar.

O livro “As Cidades que Dão Certo” conta uma parte de uma bonita história. A história que vem à tona onde a proximidade entre o governante e a população cria uma espécie de cumplicidade, paradoxalmente transparente. O cidadão vê

Municípios ficam com a menor parte da renda pública nacional, mas prefeituras prestam mais serviços públicos que estados e a União

com mais clareza o que está errado e cobra com vigor providências, mesmo que essas não estejam na alçada municipal. O prefeito, por sua vez, deve encontrar mecanismos para satisfazer as demandas, sob pena de ver sua administração reprovada nas urnas. É um relacionamento salutar que, a julgar pelo livro de Figueiredo e Lamounier, se transformou em um exemplo que deve ser seguido.

* Prefeito de Osasco e coordenador nacional do movimento União pelo Município.